CAÇADORES DA ALMA - ARLES, OS ENCONTROS DA FOTOGRAFIA

Tornaghi

Arles fica no sul da França e ali viveu Van Gogh, ganhou fama de cidade boêmia. Em 1970 o fotógrafo Lucian Clergue criou o Festival de Arles, que amadureceu e hoje é a grande festa da fotografia. A cidade é inundada por fotógrafos do mundo inteiro. Esse trailer dos anos 60, que talvez seja a menor galeria de arte do planeta, veio de longe para marcar presença no festival. Galerias tradicionais se espalham para explorar o negócio da fotografia, mas na verdade o evento continua a ser um encontro de fotógrafos e declarações de amor à imagem fixa. Um caldeirão da criação contemporânea, como os organizadores definem.

Andres Serrano

Eu acho que o festival é ótimo porque não são apenas fotos no festival oficial. Tem fotos não-oficiais por todo canto. As pessoas botam seus trabalhos nos prédios. É um festival de fotografia onde alguns dos fotógrafos aqui nem se dizem fotógrafos, como eu. Eu me chamo de um artista com uma câmera.

Christine Spengler

O que acontece é que, sendo mulher, e além do mais com essa habilidade que tenho de me fantasiar com a burca, de passar despercebida e de ter uma certa osmose com algumas mulheres, me dei conta que podia defendê-las mais facilmente que um homem. E é por isso que cada vez que tenho a oportunidade de defender as mulheres oprimidas eu o faço.

Sébran D' Argent

Eu adoro cinema. Eu queria... Eu pensei por um momento em fazer cinema, mas tem um começo e tem um fim. Mas a fotografia, posso colocá-la na parede e assistir tanto o quanto quero. Nunca para, seu eu quiser. Não começa e nem termina. Uma luz, um instante que podemos capturar assim, apreciá-lo e deixá-lo durar.

Wally Bourdet

Os encontros de Arles, o Clergue convidou amigos fotógrafos, que interessava-se pelo que ele fazia, e resolveram fazer entrar a fotografia nos museus. E então ele começou a convidar os fotógrafos, escreveu a toda gente, perguntando quem queria doar fotografias... E depois vieram para cá e a coisa fez-se. Era muito interessante, porque não havia dinheiro, mas os workshops eram muito profissionais. Nessa altura já vinha gente como o Ansel Adams, ensinar o "zone system" e coisas dessas. Não eram pequenos fotógrafos que vinham. Só que era tudo muito em pequeno comitê, e a gente comia nas escolas... Era tudo pobrezinho.

Ken Damy

Nos primeiros tempos, o Encontro de Arles era muito pequeno, 50 ou 100 pessoas, que se encontravam todos no Hotel d'Arlatan, no grande coração do Hotel d'Arlatan. Mas já vinha o Ansel Adams e os maiores nomes do mundo todo. Depois, nos anos 80, 81, eu vim para Arles pela primeira vez, e já tinha ficado pouco maior, mas as exposições eram quatro ou cinco no museu, na igreja e, ao longo dos anos, virou uma coisa extraordinária, como você

vê hoje. Não é um festival, não é uma bienal realmente, o espírito de origem de Arles são os encontros.

Giovanna Calvenzi

Venho a Arles desde 1978. E em 1998, eu fui diretora artística dos Encontros. Eu cresci com a ideia de que a fotografia podia ajudar a mudar o mundo, mas isso foi em 68... Terminava o colégio na época e foi a minha esperança. E é por isso que fiquei encantada pela fotografia. Depois que eu percebi que podia ajudar a mudar um pouco os homens e as mulheres. E isso já é um sucesso.

Eu acho que a fotografia atravessa um momento muito interessante porque existe a possibilidade de conviver com todas as maneiras possíveis, todas as expressões possíveis que a fotografia nos permite. Ou seja, podemos fazer fotojornalismo de forma tradicional, podemos inventar, pode-se fazer elaboração digital, podemos fazer vídeo. Há muitas possibilidades. É um momento muito rico.

Don Mccullin

Nenhum de nós tem o direito de roubar uma foto de outra pessoa. Até mesmo nas ruas, na nossa sociedade. Quando você entra em um campo de refugiados, numa determinada situação e você está olhando para 600 ou 700 crianças à beira da morte, e essas crianças olham para você, o homem branco, chegando, e elas presumem que você está trazendo ajuda, que está trazendo vida, você é a tábua salvação delas. E o que elas veem? Você traz duas câmeras Nikon em volta do seu pescoço. Então, você não traz nada e você rouba ao mesmo tempo. Não tem problema de me chamar de "fotógrafo famoso", mas eu não uso meus lauréis confortavelmente. Eu tenho uma grande culpa por conta desta vida maravilhosa e interessante que eu tenho. Eu tenho muita vergonha dela, para dizer a verdade.

Christine Spengler

Don Mccullin foi meu padrinho durante a guerra da Irlanda do Norte, ou seja, ele teve a gentileza de me levar nos bairros difíceis, o caos, onde as crianças irlandesas eram os reis da rua e eram elas que atacavam os ônibus, os soldados ingleses.

Tornaghi

"Os espelhos deveriam refletir duas vezes antes de reenviar a imagem." - Jean Cocteau

Christine Spengler

Esta frase de Cocteau... Sim. Tenho a impressão de ter atravessado os espelhos, pois atravessei todas as guerras. E ainda estou aqui. No mundo árabe, diz-se que eu tenho a "baraka", a graça divina. Porque não se pode esquecer, e sempre insisto em dizer que minhas três parceiras morreram, Catherine Leroy, Françoise Demulder, Alexandra Boulard, então sou, de certa forma, a sobrevivente, e é por isso que tenho a impressão de ter atravessado os espelhos.

Com a morte do nosso pai, em 1970, meu jovem irmão, Eric, e eu, decidimos fazer uma grande... Aí está, decidimos atravessar espelhos também. E fazer uma grande viagem ao fim do mundo para talvez não voltar mais. Eu nunca tinha tirado fotos na minha vida, mas o

Eric, mesmo mais jovem que eu, tinha câmeras fotográficas Nikon, e antes de morrer, Eric me deixou sua câmera e dentro havia um recadinho. Ele tinha escrito: “Você é a mais forte que dos dois, é você que será a correspondente de guerra e que testemunhará as causas justas”. Foi assim que comecei.

Andres Serrano

Primeiro fui para a Inglaterra e fotografei museus de tortura na Inglaterra. Depois eu fui para a Irlanda e fotografei esses caras encapuzados, que eram homens verdadeiros conhecidos como “Os Homens Encapuzados”, que foram pegos pelas autoridades britânicas e acusados de serem agentes do IRA nos anos de 1970.

Bem, eu nunca faço um trabalho com um significado. Quer dizer, eu não tenho uma mensagem. Eu acho que eu sou mais um mensageiro do que a mensagem. A mensagem está nos olhos de quem vê. Mas eu diria que o “Cristo de Mijo” é um reflexão da minha história como um cristão, e mesmo fazendo muito sentido, na evolução do meu trabalho, pela razão por qual eu fiz “Cristo de Mijo”, antes de “Cristo de Mijo” eu comecei a fazer umas imagens muito abstratas usando fluidos corporais, leite, sangue e mijo, de uma forma abstrata. Então, quando eu decidi fazer a representação de uma imagem, eu pus um crucifixo na urina, porque eu tinha trabalhado com imagens cristãs antes de começar com os fluidos corporais. Então, para mim, o “Cristo de Mijo” se forma como duas direções diferentes vindas do meu trabalho e se juntando em uma imagem.

Tem algo especial com a fotografia, no meu caso. Se fosse uma pintura, ela não causaria a mesma reação. Então, eu sinto que meu trabalho em particular, tem o poder que tem porque é uma fotografia, porque como uma fotografia, as pessoas a confundem com o real. É como se a fotografia fosse a coisa mais próxima do real.

Sarah Waiswa

Eu morei nos Estados Unidos em torno de 10 anos e quando eu voltei para casa, para o Quênia, eu comecei a ver coisas que eu não tinha visto antes. E a fotografia foi minha forma de reconectar com o continente. E então eu peguei a câmera e comecei a fotografar. Muito do que se vê na mídia sobre a África é muito estereotípico, muito negativo. E eu acho que ... parte do meu trabalho tem a ver com justiça social e ação afirmativa e realmente tentar mudar a percepção das pessoas sobre como a África é. A ideia geral da série foi de criar uma consciência mas eu não queria fazer isso de forma estereotipada, que é o modo como muitas questões sociais são retratadas na mídia, particularmente nos problemas que acontecem na África. Então eu quis usar uma perspectiva diferente e realmente tornar aparente a beleza justaposta e, ao mesmo tempo, essa doença que afeta os albinos na sociedade, particularmente na África subsaariana.

Nader Adem

(mudo) Existe uma ideia de que pessoas com deficiência não são capazes de fazer nada. Eu quero falar que nós somos capazes de fazer muitas coisas.

É muito mais difícil trabalhar e ter uma vida normal sendo uma pessoa deficiente no meu país. Por razões sociais, pelas deficiências e por causa da percepção geral da sociedade sobre pessoas com deficiência.

Alfred Seiland

No fim dos anos 70, eu mudei completamente minha postura com a fotografia. Eu mudei para uma câmera de grande formato, e isso continua assim até hoje. Naquela época eu também decidi trabalhar somente com cor. Com filme negativo. E eu também decidi somente usar uma lente, a lente normal. Eu sempre procura a possibilidade nas minhas imagens, de que, se as pessoas olham para as minhas imagens, elas deveriam sentir uma experiência similar como se estivessem no local. Eu não sou um criador de fotografias. Eu sou mais um descobridor de fotografias. E isso é algo que pode durar vários dias, até semanas, se eu voltar mais vezes para o lugar para achar a melhor situação.

Durante todo o tempo em que estive em Roma, eu estava fascinado com o confronto de tempos modernos e antigos que você sente lá. Isso é algo básico na minha ideia mas quando eu acho um cenário ou um lugar que é interessante para mim, é claro, a produção da imagem começa. Por exemplo, a nova série sobre o Império Romano, nele, eu vou para muitos lugares sobre os quais eu já havia pesquisado muito. Então, na verdade, eu já sei sobre esse lugar, mesmo se eu nunca houver estado lá. Mas assim que eu chego lá, especialmente nessa série, estou sempre procurando por imagens que não tenha visto antes. Isso quer dizer que muitos desses lugares já foram fotografados milhões de vezes mas eu estou procurando por uma outra fotografia desses lugares. Portanto, mesmo que eu já tenha feito tanta pesquisa, o trabalho realmente começa no local. Eu basicamente quero fazer imagens que você tem que olhar muitas vezes para achar pequenos detalhes que são importantes para a imagem. Então, nesse caso, é uma forma de construir uma imagem, mas basicamente, eu não estou encenando nada.

Tornaghi

Sébran D'Argent é um vira mundo da fotografia. Trabalha como antigamente, com analógico, fuge das galerias, mantém uma revista de fotografia chamada 'Heaven' e vende na rua suas fotos.

De quebra tirou o russo, Chirkin Pavel, da nova escola de fotografia digital, para reencaminhá-lo para o mundo analógico. Os dois foram à Arles expor e vender suas fotos.

Sébran D'Argent

Eu viajo toda hora e volto dois ou três meses. Eu sou fotógrafo. É meu prazer. E depois viajo de novo, é isso. Volto, eu revelo as fotos no meu laboratório, vendo na rua porque é fácil, tac! E vou embora. É simples.

Hoje em dia, nas escolas, eles têm muito acesso ao computador, à foto digital. Mas eles não fazem coisas com as mãos. Ele, na escola dele, fazia muitas coisas com o digital e quando viu que eu fazia, eu expliquei a ele que isso é feito ao laboratório. As mãos, a luz, a química... Você participa! Seu corpo participa! E não somente click, click, click ! E então , quando ele veio comigo no laboratório ele entendeu que há uma real satisfação.

Chirkin Pavel

Eu posso dizer que eu realmente estou gostando de viver essa experiência, de viver do que eu amo porque eu também tenho essa paixão pela fotografia e minha abordagem da fotografia está muito perto da fotografia de Sevrán. Eu tenho um olhar russo ... Eu acho que são os outros que podem dizer isso. Eu não sei, eu faço o que eu ... o que o coração me manda fazer. Também já escutei algumas vezes que as pessoas dizem que (meu trabalho) se aproxima do Tarkovsky ... Bom, eu já não sei.

Olivier Culmann

“O Outro” é um trabalho que eu realizei na Índia, onde vivi entre 2009 e 2012, e é um país que gosto muito, pra onde viajei muito e é apaixonado pela fotografia popular ou de utilidade. Quer dizer, a fotografia que não é considerada como arte, que é praticada muito em estúdios de bairros, que também é praticada para diversas necessidades, a foto de casamento, até a foto publicitária. E quando fui morar lá em 2009, tive vontade de explorar este universo que é a foto vernacular e tentar compreender os códigos desse universo para utilizar estas práticas, que eu mesmo não conhecia, que são as práticas populares indianas. E no lugar de ir para um lugar, como fazia antes, eu inverti esse processo. Eu reparei nos sinais visuais que constituíam suas identidades e reproduzi em mim mesmo a aparência com todos esses sinais visuais que representam a identidade das pessoas na Índia.

O projeto “Assistindo Tv” eu comecei eu mesmo ficando em frente à minha própria televisão. A atitude que se possa ter na frente da televisão, que é uma atitude de passividade, às vezes me assusta. Fui na casa das pessoas e as fotografei na intimidade, em frente à televisão, tentando captar uma situação mais próxima possível da realidade desta cena como se eu não estivesse lá. De uma forma geral, o que me interessa na fotografia é o anti-evento, ou seja, são momentos que a priori não são interessantes, que são um pouco os tempos mortos da nossa existência, são momentos em que não acontece nada.

Rogério Reis

Aqui em Arles você tem de tudo, até porque isso traz público. O sujeito que trabalha na ficção ele vem aqui e vai ver alguns autores de fotografia ficcional. E você quer jornalismo ? Tem. Você quer documentação, fora um pouco do tempo da notícia, você tem também. Dizem que eu estou na fronteira entre o documental e o contemporâneo. Mas quando eu vou para uma fotografia mais simbólica, eu não percebo muito essa mudança, quer dizer eu percebo na forma na maneira de apresentação. Aliás eu acho que a minha fonte da fotografia ela é documental, não tem como você fugir disso. Ao mesmo tempo que eu gosto de fazer isso eu gosto de fazer trabalhos, por exemplo, que levantam questões como: “como é que faz, por exemplo, como é que você faz para discutir o direito de imagem com imagem ? “ entendeu? Que foi o meu último trabalho que virou um livro. Então eu acho que é um grande exercício, sai um pouco da foto espetacular, da foto emblemática, da foto no nosso chamado ‘momento decisivo’. Mas que você pode se permitir fazer esse exercício, de buscar dar visualidade a questão de direito de imagem.

Andrea Eichemberger

Eu queria uma câmera digital e eu comecei a trabalhar com digital. Mas eu percebi que a forma de produzir era diferente. No analógico a gente tinha um número limitado de imagens, tinha que refletir um pouco mais sobre o que ia ser feito. Como eu fotografo pessoas, eu senti essa necessidade de ter uma troca mais fluida com elas. Eu tinha vontade de trabalhar com câmera de médio formato, foi aí que eu retornei ao analógico. Um dos primeiros projetos foi o trabalho feito com camponeses em áreas de reforma agrária, pessoas que passaram pelo processo de reforma agrária em Santa Catarina. Nesse projeto eu visitava as pessoas, ia até as suas casas e fotografava os espaços, os lugares e fazia muitos retratos. Eu não acredito que a fotografia possa mudar o mundo e, não sei necessariamente, se a fotografia que eu faço é uma fotografia que é militante. Mas essa fotografia que eu faço busca, ao menos, questionar as pessoas. É fazer com que as pessoas saiam da sua situação de conforto e pensem um pouco sobre a sua posição no mundo. Há possibilidades de mudança mas eu não tenho essas pretensões, se acontecerem coisas tanto melhor, se não, o importante é fazer com que as pessoas pelo menos se questionem.

Cristianne Rodrigues

Eu sou curadora na Maison Européenne de la Photographie em Paris. Eu comecei colaborando com eles há 5 anos atrás. E foi o Brasil que me deu isso na verdade porque algumas exposições que a Map realizou no Photo Rio, acabaram fazendo que exposições do Photo Rio fossem para a Maison um pouco depois.

O Jean-Luc Monterosso, que é o diretor e fundador desse museu que existe há 20 anos, ele percorre muito o Brasil. Hoje é um dos maiores especialistas estrangeiros em fotografia brasileira.

Joaquim Paiva, ele fez uma série dedicada à Brasília que tinha se tornado uma destinação turística. O contraste entre o rigor da fotografia de Goutherot e essa fotografia espontânea. Goutherot é um olhar externo, é um francês olhando para o Brasil, já o Celso é um olhar de dentro você vê que ele faz parte daquilo que ele está fotografando.

Um aspecto interessante do trabalho do Vik Muniz, é que ele faz muitas referências a autores da pintura, tem sempre essa referência com a história da arte que é interessante. Porque na verdade ele tem um repertório de traços dos grandes mestres da pintura, que ele transforma. Então ele faz esse trabalho mas que ele se finaliza em forma de fotografia.

Tornaghi

Quem nos levou à Arles foi Isabel Lima, de quebra, Isabel nos cedeu as imagens que ela fez de Lucien Clergue. Além de nos mostrar os encantos das cidades e as atividades do festival.

Talvez a melhor definição de fotografia seja de Wally Bourdet, ex modelo de nu que trabalhou com vários fotógrafos importantes como Lucien Clergue.

Wally Bourdet

Eu acho que todos os fotógrafos têm um certo problema com o tempo e com a morte e isso tudo. E não é por acaso que imprimem num papel o que é fugaz. Eu acho que tem qualquer coisa assim... Uma vontade de parar o tempo. Uma fotografia é isso.

Tornaghi

“Os fotógrafos são os poetas deste tempo.” - Lucien Clergue